

## **INFLUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL: IMPACTOS SOB O CENÁRIO COMPETITIVO DO PAÍS PÓS-ANOS 90**

**G. E. L. Bernardino**

Graduando em Comércio Exterior – CEFET-RN  
E-mail: giseleloa@yahoo.com.br

**N. V. da Silva**

Graduando em Comércio Exterior – CEFET-RN e Ciências Contábeis – UFRN  
E-mail: nerivânia\_cefet@yahoo.com.br

**E. C. de Meirelles**

Profª do curso superior de Comércio Exterior – CEFET-RN  
Orientadora Pesquisadora da Base de Pesquisa em Análise de Mercado Exportador do RN  
E-mail: elisangela@cefetrn.br

### **RESUMO**

Com o advento da Globalização, o mundo vivencia um processo irreversível de transformações organizacionais que afetam os Países de diferentes formas. Esse processo intensificou-se pós-Anos 80, com o “choque” do Capitalismo, dando origem a uma nova etapa de mudanças estruturais na Economia Global como, por exemplo: avanço tecnológico, mundialização dos mercados, divisão internacional do trabalho e expansão das grandes corporações econômicas pelos diversos Países. No âmbito empresarial, a Abertura Comercial brasileira proporcionou maior flexibilidade, pois com os acordos comerciais estabelecidos pode-se eliminar barreiras, diminuindo os entraves na dinâmica Internacional do Comércio. Diante disso, cresce a exigência das empresas de obterem novas tecnologias, recursos financeiros e outros meios relacionados às políticas governamentais como fator intrínseco na competitividade entre nações. Na realidade brasileira, o País encontra-se numa situação desfavorável frente à Globalização tanto na área comercial, tecnológica e produtiva, ficando de fora do cenário competitivo mundial. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa exploratória, bibliográfica, tendo como objetivo compreender as Influências da Globalização no Processo de Desenvolvimento Econômico do Brasil enfocando os impactos sob o cenário competitivo que repercutem até a atualidade, sobretudo na dinâmica exportadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Globalização; Abertura Comercial; Desenvolvimento Econômico e Competitividade.

## 1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da Globalização não é algo recente, desde a Idade Média observava-se indícios do pensamento Universal-transnacionalista. Quanto a esse ponto de vista, Strazzacappa & Montanari (1998, p. 18) apud Pires (2006) afirmam que:

Na verdade, a Globalização se iniciou a partir do instante em que alguns homens primitivos de uma aldeia qualquer tiveram a iniciativa de entrar em contato com a aldeia vizinha... Com base nesse raciocínio, podemos estabelecer o início da Globalização onde quisermos. Para todos os efeitos, assumiremos o início da aceleração da globalização no período das Grandes Navegações.

Para Ianni (2002, p.11) “a Globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do Capitalismo, como modo de produção e processo Civilizatório de alcance Mundial”. O processo intensificou-se após os anos 80 dentro da evolução do Capitalismo, dando origem a uma nova etapa de mudanças estruturais na Economia Global como, por exemplo: avanço tecnológico, mundialização do mercado, divisão internacional do trabalho e expansão das grandes corporações econômicas por diferentes países. Brum (2001) sustenta ainda que “A tendência Globalizante evoluiu *pari passu* com a evolução do conhecimento, dos meios de transporte e das comunicações, além da expressão Econômica, militar e cultural dos povos, particularmente os centros dominantes”.

Uma faceta contraditória diz respeito ao discernimento da Globalização x Regionalização, onde a Globalização busca expansão de mercado e troca de capitais e investimentos, enquanto que a regionalização objetiva a formação de Blocos Econômicos Regionais. No entanto, Brum (2001) contesta essa contradição discorrendo que:

(...) esses dois fenômenos se complementam, nesta fase de transição do Mundo, pois ambos confluem para a integração entre Economias e Blocos através da progressiva retirada de entraves ao livre comércio, na perspectiva de uma Economia Mundial cada vez mais integrada e sob o controle dos mais poderosos oligopólios multinacionais.

Diante das transformações organizacionais decorrentes do processo de Globalização e de convergência dos meios de comunicação cresce a relevante necessidade da obtenção de novas tecnologias, recursos financeiros e outros meios relacionados a políticas Governamentais como fator intrínseco na competitividade entre Nações.

## 2. MUDANÇAS NO CENÁRIO COMPETITIVO MUNDIAL

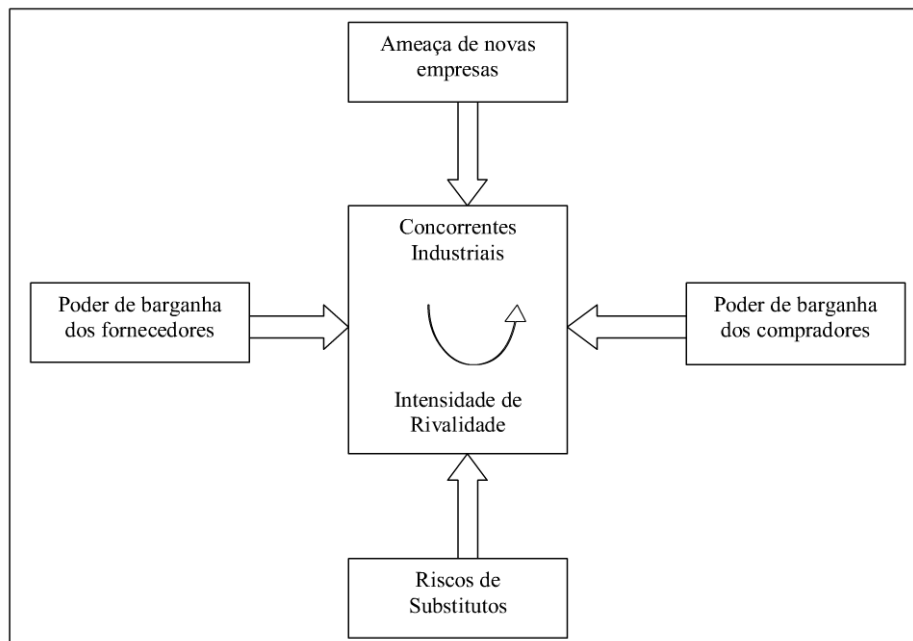
Com o efeito da Globalização, as empresas vivenciam um cenário de acirrada competitividade mundial buscando estratégias que as impulsionem a um padrão Global de concorrência de seus produtos.

Segundo Baumann (1998, p.44) “as estratégias Globais levam a procura da redução de custos, à especialização das linhas de produção, estabilidade e controle de qualidade crescente na oferta, o que leva a crescente eficiência e maior grau de competitividade”. Brum (2001) enfatiza: “A Abertura da Economia, a liberalização do mercado, a Globalização e a formação de Blocos Econômicos Regionais expõem cada vez mais os agentes econômicos à concorrência internacional”. A partir desse ponto, faz-se necessário uma transformação nas bases empresariais e planejamento organizacional através da modernização dos meios de produção, aderindo tecnologia de ponta em busca de maior poder competitivo no mercado.

Porter (1989), afirmar que a competição Internacional engloba exportações e/ou localização de algumas das atividades da empresa no exterior. Na área industrial esta envolve tecnologia complexa e recursos humanos altamente especializados, que proporcionam o potencial de altos níveis de produtividade como também crescimento constante.

Para realizar o sucesso competitivo, as firmas dos países precisam ter uma vantagem competitiva na forma, seja de menores custos ou de produtos diferenciados que obtêm preços elevados. Para manter a vantagem, as empresas precisam conseguir uma vantagem competitiva mais sofisticada com o tempo, oferecendo produtos e serviços de melhor qualidade ou produzindo com mais eficiência. Isso se traduz diretamente em crescimento da produtividade. (PORTER, 1989, p. 10).

Porter (1989), formulou as estratégias de negócios baseado na análise de cinco forças competitivas de forma a envolver a tomada de decisões em nível de divisão ou unidade de negócios. Essas forças abrangem o risco de novos concorrentes, o poder de barganha dos fornecedores, o poder de barganha dos compradores, o risco de produtos substitutos e a rivalidade entres os concorrentes existentes. (Figura 01).



(Fonte: adaptado de Michael E. Porter, *competitive advantage: Creating and Sustaining Superior Performance*, p.6. copyright 1985 de Michael E. Porter. Reimpresso em permissão da The Free Press, uma Divisão da Macmillan, Inc.)

**Figura 01: Elementos da estrutura industrial**

O Brasil passou por várias tentativas por parte do Governo, a fim de transformar o país em potência mundial. Um exemplo evidente ocorreu no período, entre 1974 e 1979, correspondente ao governo de Ernesto Geisel, objetivando inserir a nação no 1ª mundo. Para isso algumas medidas deveriam ser levadas em consideração como: manter o crescimento econômico, diminuir as disparidades de renda e implantar novo padrão de industrialização com substituição de importações. Como afirma Brum: “não se tratava mais de substituir bens de consumo, mas buscar autonomia na área da indústria de bens de capital e insumos básicos, que se destina a formar a base material dos outros setores produtivos”.

Porém, Geisel não atingiu por completo seu objetivo, pois o governo não teve recursos suficientes para realizá-lo e as empresas nacionais privadas encontraram obstáculos para seu desenvolvimento econômico, por exemplo, a vulnerabilidade da indústria nacional no setor de bens de capital e a dependência tecnológica.

### **3. A FRAGILIDADE COMPETITIVA BRASILEIRA FRENTE A GLOBALIZAÇÃO**

Em 1995, o país recorreu à recessão a fim de reduzir o déficit comercial e minimizar a busca de financiamento externo mantendo juros elevados e desprezando qualquer correção da sobrevalorização da taxa de câmbio.

Em decorrência da longa crise ocasionada pela estabilização e manutenção da taxa de câmbio e a elevação considerada das taxas de juros não permitiram que a economia brasileira pudesse acompanhar, expressivamente, os outros países que alavancaram seu crescimento econômico através da globalização. Esses fatores conjunturais e estruturais brasileiros ocasionaram a fragilidade em diversos setores, principalmente no tocante à competitividade.

#### **3.1. Fragilidade Comercial**

De acordo com Coutinho (1996), em meados de 1994, quando houve a implantação do plano real visando à estabilidade econômica, o Brasil sofreu uma fragilização na balança comercial, dando origem a um déficit bastante significativo relacionado às transações internacionais.

Coutinho (1996) aponta como principais critérios da fragilidade comercial o aumento de importações por parte do sistema industrial substituindo insumos da indústria doméstica, causado pela elevação de preço e altas de juros, e relata ainda a respeito da sobrevalorização cambial sobre a balança comercial que:

[...] mesmo com a economia desaquecida, o nível de superávit comercial deve ter se reduzido de 2% para cerca de 0,5% do PIB. Esta consequência direta da inconsistência central do Plano Real (i.e. câmbio sobrevalorizado com juros elevados) significa uma inegável fragilidade da posição comercial brasileira em face da globalização (COUTINHO, 1996, p.231).

As importações foram ainda mais relevantes quando houve a possibilidade de financiar no exterior as compras externas, através de créditos e juros favoráveis ao importador (COUTINHO, 1996, p. 230).

Contudo o forte crescimento dos mercados fez com que a indústria doméstica desenvolvesse sua capacidade produtiva, melhorando a produção de commodities para exportação.

#### **3.2. Fragilidade tecnológica**

Os baixos níveis de investimentos não colaboraram para que o país fizesse parte da revolução teletromática (telecomunicação, eletrônica e informática) ocasionando, em fins da década de 1980, a um grande atraso tecnológico em relação ao resto do mundo, diminuindo a competitividade da indústria. A fragilidade tecnológica é a causa das tecnologias, hoje, serem dominadas por um conjunto restrito de empresas, onde a maior parte delas possuem origem nos países centrais. Dessa maneira, para modernizar o parque produtivo nacional, há a dependência destes mercados para adquirir tecnologia, o que gera a fragilidade.

Dessa forma, é importante mencionar que o aumento da participação dos produtos industrializados no total das exportações brasileiras é atribuído em grande medida à EMBRAER, que passou de uma participação de 0,75% para 6,23% no total das exportações, um acréscimo de quase 5%. Ou seja, se os produtos industrializados passaram de 32% em 1996 para 40% no total das exportações em 2000 (um aumento de 8%), 4,67% destes são de uma única empresa. Por isso, não é possível afirmar que o crescimento do setor industrial nas exportações brasileiras deu-se de forma consistente (ARAÚJO e SILVA, 2006).

#### **3.3. Fragilidade Produtiva**

Conforme Coutinho (1996), a estrutura produtiva brasileira, onde os principais produtos para exportação são commodities com baixo valor agregado e com preços definidos internacionalmente em oposição as importações concentram-se em bens de consumo ou de capital com alto valor agregado. Este fator é prejudicado à medida que potencializa um déficit comercial dificultando a mudança estrutural da produção. Outro ponto frágil da estrutura produtiva o Brasil está relacionado às crescentes participações de empresas estrangeiras, pois as decisões de investimentos e exportações são transferidas para outros países.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de globalização está, intensamente, presente no cotidiano da humanidade. A realidade é que esse processo tem amenizado as distâncias geográficas, entre os países, aumentando a Internacionalização, bem como os fluxos comerciais e financeiros têm circulado pelo mundo com intensa rapidez. Em consequência disso, houve uma abertura comercial, o qual deixou as empresas mais vulneráveis à concorrência de outras do mercado mundial.

A competitividade entre nações acentuou-se, promovendo intensas transformações estimulando as empresas a buscarem estratégias que visam colocá-las em meio a um padrão internacional de concorrência dos seus produtos. Essa nova etapa de mudanças na economia é algo inevitável, cabendo aos países se alocarem de forma a acompanhar o passo.

Atentando para o quadro brasileiro na década de 90, é notável a vulnerabilidade comercial, tecnológica e produtiva do país perante a globalização. As autoridades brasileiras devem considerar aos acordos internacionais, a fim de que não seja pego de surpresa com esse processo de integração que, às vezes, traz somente benefícios aos países desenvolvidos. Para isso, O Estado participar desenvolvendo uma infra-estrutura que dê condições às empresas nacionais para produzirem de modo competitivo global.

#### 5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO E SILVA, Fábio Tadeu e Christian Luiz da. **A vulnerabilidade externa da economia brasileira: um estudo sobre o foco das questões tecnológicas, produtivas e comerciais.** Disponível em <[www.fae.edu/publicações.pdf/revista](http://www.fae.edu/publicações.pdf/revista)>. Acesso em: 05 Agosto 2006.

BAUMANN, Renato(Org). **O Brasil e a Economia Global.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

BRUM, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro.** São Paulo: Vozes, 2001.

COUTINHO, Luciano G. A fragilidade do Brasil em face da globalização. In: Baumann, R. (org.) **O Brasil e a economia global.** Rio de Janeiro: Campus, 1996.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LASTRES, Helena. [et al.]. **Globalização e inovação localizada.** Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/redesist/P1/texto/NT01.PDF>>. Acesso em: 05 Agosto 2006.

PIRES, Hindenburgo F. **Origens e natureza do processo de globalização contemporâneo.** Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/modulo1/modik1.htm>>. Acesso em: 05 Agosto 2006.

PORTER, Michael E. **A vantagem competitiva das nações.** 12ªed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.